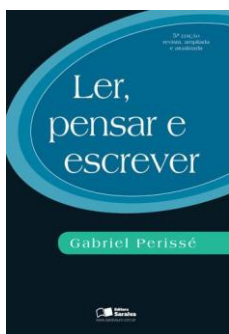


## TRÊS FAZERES IMPRESCINDÍVEIS



Fabiana Cardoso Fidelis\*

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever**. 5 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2011. 91 p. ISBN 978-85-02-11680-1

Publicado originalmente em 1995 pela editora Arte & Ciência, o livro *Ler, pensar e escrever* mantém-se atualizado por uma década e meia. A nova edição – revista, atualizada e ampliada – faz parte da linha editorial universitária da Saraiva e qualifica o livro em termos de projeto gráfico, com formato maior, fonte moderna, espaçamento entre linhas e margens na página que permitem ao leitor ler com mais prazer e proveito. A capa, sem imagens, destaca o assunto do livro e prioriza o conteúdo, que por sua vez foi significativamente modificado e melhorado. Manteve-se a estrutura original de três capítulos, um para cada verbo do título, cada um deles antecedido de três epígrafes, mas os subtítulos foram remodelados e alguns foram incluídos. Graduado em Letras, Gabriel Perissé é pós-doutor em Filosofia e História da Educação. Publicou mais de 20 livros sobre leitura e criatividade, ética e formação de professores e, desde 1983, ministra palestras e minicursos sobre educação, tendo percorrido mais de 900 cidades brasileiras. Sua experiência com um público diversificado de educadores, leitores ou não, e sua intimidade com as dificuldades de leitura e escrita refletem-se nas páginas do livro.

Há três verbos no título, *Ler, pensar e escrever*, os quais, conforme explica o autor, sugerem uma evolução na complexidade intelectual que cada um dos fazeres envolve. O último verbo, “escrever”, necessariamente passa pelo pensar e ler – não há como ser diferente. E o “ler”, que aparece no início, é o primeiro passo para qualificar os outros dois. “Pensar” fica no meio porque se nutre do ler e do escrever: “O ler conduzirá ao pensar, e o pensar conduzirá ao escrever. Ler e pensar. Escrevendo, pensar. Pensar e ler. Pensando, escrever.” (PERISSÉ, 2011, p. 46). As três práticas não

---

\* Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Canoas. Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialista em Literatura e Ensino (Unochapecó). Contato: fabiana.fidelis@canoas.ifrs.edu.br.

podem ser desvinculadas, e a divisão em capítulos permite que, de maneira didática, haja uma reflexão sobre cada uma delas.

O capítulo *Ler* inicia pela discussão da materialidade do objeto livro: a forma de segurá-lo, o modo como se estabelece uma amizade com ele ao ler o título, folhear as páginas, espiar a introdução, ver as orelhas... Seja como for, chega-se a um livro com alguma expectativa, e a primeira impressão pode definir se haverá investimento de tempo para que essa amizade cresça. O relacionamento com o livro surge de uma apresentação positiva de outras obras e autores que a ele se remeteram (uma leitura leva a outra) ou de uma apresentação imposta por professores que exigiram a leitura. Gabriel Perissé (2010, p. 3) critica duramente este último caso, a leitura “cobrada”, que pode tornar o ato de ler “um dever irritante e enfadonho”, transformar o livro em símbolo de “constrangimento, estorvo e fracasso” e gerar analfabetos funcionais.

O pressuposto do livro *Ler, pensar e escrever* é de que a leitura é um ato livre. Partindo desse pressuposto, o autor desenvolve o tema, constatando que, a despeito das boas intenções dos professores, muitos dos brasileiros que concluem o ensino médio continuam alheios e avessos aos livros. Em relação aos baixos níveis de leitura da população brasileira, existe um “[...] beco sem saída, do qual só os próprios interessados poderão escapar (sobrevoadando o beco!) se tomarem a decisão séria de investir no autoaperfeiçoamento intelectual, na autoeducação, recorrendo à leitura constante, inventiva, apaixonada.” (PERISSÉ, 2010, p. 5). A seguir, o autor tenta absolver a culpa por “não ler”, que ocorre aos não leitores, e explica que é possível aprender a ter prazer na leitura. Esse prazer costuma começar na infância e crescer graças ao convívio com livros e leitores, mas pode ser descoberto pelo leitor adulto que procure seus “clássicos pessoais”, citando Ítalo Calvino.

Gabriel Perissé (2010, p. 7) lembra que ler é um exercício e, portanto, envolve os cinco sentidos:

Com a vista, naturalmente; com o tato, segurando o livro; com a audição, ouvindo o barulho das páginas ao serem folheadas; com o olfato, sentindo o cheiro da tinta impressa; e com o paladar, quando umedece o dedo indicador na língua para virar as páginas com mais facilidade...

Ao usar os cinco sentidos, o leitor conseguirá concentrar-se na leitura e “[...] captar em profundidade, discordar, interpretar, discernir...” (PERISSÉ, 2010, p. 8). Um recurso que pode ser utilizado para manter contato físico e intelectual consciente com o livro é ler com um lápis ou uma caneta na mão, fazendo anotações, às quais levarão à



escrita; outro recurso é ler em voz alta, reler com atenção, dando tempo para que se desenvolva uma amizade não apenas entre leitor e livro, mas entre leitor e autor, ainda que este esteja “escondido e revelado nas páginas que compôs” (PERISSÉ, 2010, p. 10). Um leitor quieto diante de um livro contrasta com a agitação interior que a leitura proporciona. Além da metáfora da amizade, são utilizadas várias metáforas para o ato de ler: comer, farejar, dialogar, entre outras. O recurso metafórico é fartamente utilizado por Gabriel Perissé tanto em *Ler, pensar e escrever* quanto em suas outras obras, como *Elogio da leitura* e *A arte da palavra*, ambas publicadas pela editora Manole.

Embora o livro *Ler, pensar e escrever* argumente a favor dos benefícios da leitura, não há uma imposição sobre os deveres e bons resultados relacionados ao ler e escrever – há, na verdade, uma linguagem mágica e fluida que exemplifica como o texto bem-escrito encanta e promove, por si mesmo, a leitura. Há um compromisso do autor não somente com as ideias que apresenta, mas também com a forma como as conduz em sua bela escrita e leva o leitor a ler com prazer, a refletir e a ter vontade de escrever de maneira tão leve e bonita como ele. Perissé mostra-se igualmente leitor qualificado ao mencionar diversificadas leituras que o levaram a ser um professor e estudioso das áreas de filosofia, educação e letras. Cita o que gosta de ler e, advertindo o leitor para que desconfie das listas de livros mais vendidos, quase sempre com títulos que seguem interesses descartáveis, incentiva-o a assumir uma agenda de leituras e a elaborar sua própria lista pessoal de livros a serem lidos, tornando-se responsável por suas escolhas de leitura. Uma lista pessoal, diz Perissé (2010, p. 25), “[...] é feita à imagem e semelhança de quem a compõe e recompõe ao longo do tempo [...], traz em si os anseios, as obsessões, os interesses, as qualidades e as limitações de quem a produz.” Assim sendo, vemos como abundam livros literários na lista do autor e não é à toa que, ao mencionar uma recente tradução brasileira do livro *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov (2009), cita esse autor para explicar seu amor pela literatura: “porque ela me ajuda a viver” (PERISSÉ, 2010, p. 27).

No capítulo *Pensar*, o autor mantém a linguagem poética, mas aprofunda a reflexão lançando mão da análise etimológica, que é “[...] instrumento excelente para aprendermos a ver, mediante um mergulho na história da linguagem, o que está diante dos nossos olhos... [...] instrumento de indagação e surpresa, com o qual fazemos escavações na linguagem, arqueologia verbal.” (PERISSÉ, 2010, p. 40-41). Propondo a investigação das palavras como um meio de conhecer a realidade, começa com o verbo



“perguntar”, chegando à ideia de “analisar as contas alheias” (*praecuntare* ← *percontare* ← *per* + *contus*). Entender as perguntas e elaborá-las pode ser mais importante do que obter repostas, já que as primeiras aumentam a compreensão e provocam inquietação. Fazer perguntas leva a leituras, pois é preciso encontrar pessoas capazes de dar respostas e, a seguir, delas duvidar. O capítulo segue abordando as diferentes formas do pensar, incluindo o pensar filosófico, ingressando no mundo da teoria, que exige certo distanciamento das necessidades práticas e das urgências cotidianas. É possível aprender a pensar filosoficamente, o que, para Perissé, significa pensar poeticamente. Pensar é também uma terapia e uma profilaxia, visto que permite ao leitor proteger-se de suas loucuras pessoais.

O capítulo *Escrever* começa narrando a história do homem que quebrava pedras e, por causa de sua ambição, tornou-se uma delas. Com esta narrativa, Gabriel Perissé retoma a conhecida metáfora de que escrever é lapidar frases e, portanto, exige o aprimoramento de uma técnica, a qual deve ser treinada. Afasta peremptoriamente a ideia de escrita como “talento” e reforça a ideia de trabalho que pode ser aprendido por meio da autodisciplina e do rigor. Cita exemplos de vários escritores, como Gustave Flaubert, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, entre outros, que desenvolveram rituais de escrita e técnicas pessoais. Todos partilham o fato de se dedicar diariamente à atividade de escrever.

Escrever envolve amor, paixão e necessidade. A dica é simples:

[...] começar a escrever escrevendo [...] Começamos aos poucos, palavras jogadas aqui e ali, e continuamos, cavando mais fundo em busca daquilo que somos, de nossas preferências e limitações, nosso perfil, nossos vulcões, nossas ilhas, nossos mares. [...] É possível encontrar na escrita um sentido para viver. (PERISSÉ, 2010, p. 76).

Afora a necessidade íntima de escrever, é preciso considerar que o ato da escrita pressupõe a existência de leitores: “[...] os parentes, a esposa, o marido, os mestres, os amigos, os visitantes do blogue, os filhos, os componentes de uma banca examinadora, outros escritores, o editor...” (PERISSÉ, 2010, p. 84). Estes devem ser conquistados pelas escolhas estilísticas que o escritor faz.

Ler, pensar e escrever dá trabalho, e trabalho intenso. O livro de Gabriel Perissé ajuda o leitor, de qualquer área profissional, a tornar tais verbos mais conjugados em seu dia a dia e, conseqüentemente, a qualificar os seus saberes e fazeres.